Universidade Federal da Bahia

Disciplina: Fundamentos da Economia

Docente: Elizabeth Oliveira

Discente: João Lucas Lima de Melo

Semestre: 2019.2

HOBSBAWN, Eric. **A** **Era dos Extremos.** O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

O período marcado entre 1950 e 1980 foi bem agitado. No capítulo “Os anos dourados” de seu livro “Era dos extremos”, Eric Hobsbawn constrói o cenário que conduziu o mundo a um período de vasto desenvolvimento, analisando reestruturações econômicas, produtivas, sociais e políticas evidenciando ainda o surgimento de muitos dos problemas que atualmente tomam conta do debate político.

A distância entre os EUA, “verdadeiros vencedores” do período de guerras, e os demais países parecia ficar cada vez menor, não pelo recuo deste, mas pelo seu desenvolvimento tímido e pulsante dos demais. De acordo com o autor:

“para os EUA essa foi, econômica e tecnologicamente, uma época mais de relativo retardo que de avanço. A distância entre eles e outros países, medida em produtividade por homem-hora, diminuiu, e se em 1950 desfrutavam de uma riqueza nacional (PIB) per capita que era o dobro da da França e Alemanha, mais de cinco vezes a do Japão, e mais da metade maior que a da Grã-Bretanha, os outros Estados se aproximavam rapidamente, e continuaram a fazê-lo nas décadas de 1970 e 1980.”

Países de terceiro mundo também aproveitaram da onda de crescimento econômico. No entanto, a Era de Ouro parecia ainda pertencer aos países capitalistas ricos, já que possuíam hegemonia na produção e exportação de bens manufaturados (fato esse que consolidou a divisão internacional do trabalho, atribuindo a cada país um papel no mercado global).

O surto econômico parecia movido pela revolução tecnológica, que acompanhou o fim da segunda guerra. Conflitos bélicos demandam alta tecnologia, que uma vez atendida seu propósito, abre espaço para seu uso comercial. E assim foi feito. O período pós-guerra foi marcado pela comercialização de plástico, náilon, equipamentos novos e aprimorados como televisão, rádio, geladeira, entre outros bens. O resultado disso foi produção e consumo em massa de uma classe até pouco tempo à margem do mercado internacional que acabava de ganhar poder econômico, demandava novos serviços como viagens (um luxo que um pequeno grupo pudera desfrutar anos antes). Nesse contexto, mal se fazia notar uma consequência direta dessa explosão produtiva: a poluição e deterioração

ecológica. Isso se deveu principalmente ao uso extensivo de combustíveis fósseis e seu

crescimento acentuados desde então, cujo esgotamento ainda é foco de discussões e pesquisas.

A revolução tecnológica do pós-guerra não trouxe apenas bens de consumo expandindo-se para a agricultura. A revolução verde trouxe um conjunto de iniciativas tecnológicas para aumentar a produtividade dos setores rurais, atendendo a demanda crescente. Fazia parte dessas ferramentas o que hoje é conhecido como agrotóxicos, mudando o hábito alimentar e saúde das famílias. Tais tecnologias tiveram influência significativa no aumento do excedente de produção, vendendo-os abaixo do custo e prejudicando produtores de países pobres, cujo excedente se fazia necessário pela população.

O advento das novas tecnologias trouxe consigo mudanças no processo produtivo. Se fez mais necessário o investimento em pesquisas e significantemente menos mão-de-obra, o que barateou o custo da produção e “realocou” os seres humanos à posição essencialmente de consumidores de bens e serviços. Na época, a ameaça da automação do processo produtivo poderia passar despercebido, um delírio de um futuro irreal e distante. No entanto, tal cenário hoje reflete em desemprego estrutural em todas as partes do mundo, até então sem solução.

Surge ainda nesse contexto a transnacionalização da economia. Não era necessariamente uma novidade que empresas atuassem em mais de um país pouco antes da Era de Ouro, no entanto, foi nesse período que a prática ganhou muita força. O resultado era que as empresas ganhassem independência do Estado e de seu território, comercializando dentro de uma entidade transacional, tomando controle do processo produtivo e concentrando capital. A maioria dessas empresas se situavam em Estados capitalistas desenvolvidos, o que viabilizou que estes pudessem manter soberania no mercado internacional.

Os avanços tecnológicos viabilizaram a internacionalização de empresas. Até pouco tempo, não havia condições para a gerência de uma empresa norte-americana em uma sede em Singapura, por exemplo. Agora, com novas ferramentas de comunicação, transporte e informação como transporte aéreo e surgimento da informática, era possível que as empresas buscassem locais mais favoráveis para a produção, como mão-de-obra barata, sem perder o controle do processo produtivo. Como consequência, tais empresas alavancaram seus lucros, desfrutando também das condições dos países capitalistas industrializados de uma economia de consumo em massa e firmada no pleno emprego, tornando praticamente todos os indivíduos de tais sociedades consumidores em potencial.

O período da Era de Ouro foi também marcado pela descoberta da lucrativa especulação de terras. Segundo o autor:

“Tudo que se precisava fazer era esperar que o valor do terreno certo subisse até a estratosfera. Um único prédio bem situado podia fazer do sujeito um multimilionário praticamente sem custo, pois ele podia tomar empréstimos sob a garantia da futura construção, e mais empréstimos ainda quando o valor desta (construída ou não, ocupada ou não) continuasse a crescer”

Somando-se a isso a demanda crescente por espaços urbanos, muito em função do êxodo

rural, e a descoberta de processos industriais para a construção de conjuntos habitacionais, obteve-se como resultado um processo de urbanização mal planejado, segregacionista e desastroso. Marcas que até hoje se fazem presente.

Eric Hobsbawn finaliza o capítulo explicando os sinais do ofuscamento da Era de Ouro. Passando por ponderações a respeito da inclinada à esquerda de Estados europeus ocidentais, passando pela justificativa dos Estados de Bem-estar e políticas de seguridade social como ferramenta política e econômica para evitar traumas do passado, como as crises do entreguerras, e manter a lógica de desenvolvimento à todo vapor. Por fim, comenta a respeito da explosão salarial, e indicadores como aumento rápido da inflação e déficit do Estado americano como sintomas de um superaquecimento do sistema econômico, que culminaria no fim do brilho dessa era.